

CAPÍTULO 1

Deve ter sido numa quinta-feira à noite que a vi pela primeira vez no salão de dança. Apresentei-me ao trabalho de manhã, como um sonâmbulo, depois de ter dormido uma hora ou duas. O dia passou como um sonho. Depois de jantar, adormeci no sofá e acordei pelas seis da manhã, completamente vestido. Sentia-me completamente fresco, com o coração limpo e obcecado com uma ideia: tê-la a qualquer preço. Ao caminhar pelo parque, pensei em que tipo de flores devia mandar com o livro que lhe tinha prometido (*Winesburg, Ohio*). Estava a chegar ao meu trigésimo terceiro ano, a idade de Cristo crucificado. Tinha uma vida nova pela frente, tivesse eu a coragem de arriscar tudo. Na verdade não havia nada a arriscar: estava no fundo do poço, um falhanço em todos os sentidos.

Era sábado de manhã, e para mim o sábado sempre foi o melhor dia da semana. Animo-me quando os outros estão a cair de cansaço; a minha semana começa com o dia de descanso judaico. Aquela ia ser a melhor semana da minha vida e viria a durar sete longos anos, mas é claro que não fazia ideia. Sabia apenas que o dia era auspicioso e prometia agitação. Dar o passo fatal, atirar tudo para trás, já é em si uma emancipação; nunca me passou pela cabeça quais seriam as consequências. Rendermo-nos absoluta e incondicionalmente à mulher que amamos é quebrar todas as amarras, excepto o desejo de não a perder, que é a mais terrível amarra de todas.

Passei a manhã a pedir dinheiro emprestado a toda a gente, enviei o livro e as flores, e depois sentei-me a escrever-lhe uma longa carta para ser entregue por mensageiro expresso. Disse-lhe que lhe telefonaria ao fim da tarde. Ao meio-dia saí do escritório e fui para casa. Estava terrivelmente agitado, quase febril com a impaciência. Esperar até às cinco foi uma tortura. Voltei ao parque, alheio a tudo enquanto caminhava às cegas pela descida até ao lago, onde as crianças brincavam com barcos. Ao longe, uma banda tocava; trouxe-me recordações da infância, sonhos abafados, desejos, pesares. Uma agitação quente e apaixonada percorria-me as veias. Pensei em algumas grandes figuras do passado e em tudo o que haviam conseguido ao chegar à minha idade. Todas as ambições a que pudesse aspirar tinham desaparecido; não havia nada que quisesse fazer, excepto colocar-me completamente nas mãos dela. Mais do que tudo, queria ouvir-lhe a voz, saber que ainda estava viva e ainda não se tinha esquecido de mim. Queria meter uma moeda no telefone todos os dias da minha vida e ouvi-la a dizer está lá — não me atrevia a esperar mais do que isto. Se ela me promettesse apenas isso, e mantivesse a promessa, não importava o que acontecesse.

Às cinco em ponto, telefonei-lhe. Uma voz estrangeira e estranhamente triste informou-me que ela não estava em casa. Tentei saber quando voltaria, mas a chamada caiu. A ideia de que estava fora do meu alcance deixou-me histérico. Telefonei à minha mulher a dizer que não ia chegar a casa a horas para jantar. Recebeu a minha comunicação com a amargura habitual, como se não esperasse mais nada de mim a não ser desilusões e adiamentos. «Toma lá, minha cabra» pensei eu ao desligar. «Pelo menos sei que não te quero, qualquer parte de ti, viva ou morta.» Um carro eléctrico aberto estava a aproximar-se; sem sequer pensar no destino, saltei lá para dentro e sentei-me no banco de trás. Andei às voltas durante horas, num transe profundo; quando voltei a mim, reconheci uma gelataria árabe ao pé das docas, saí, fui a pé até ao cais e sentei-me num barrote, de frente para o zumbido dos camiões na ponte de Brooklyn. Ainda tinha várias horas para matar antes de me aventurar no salão de dança. Com o olhar perdido na margem oposta, os meus pensamentos deambulavam, descuidados, como um barco à deriva.

Quando finalmente me levantei, cambaleante, sentia-me como um homem anestesiado que consegue fugir da mesa de operações.

Tudo parecia familiar, mas nada fazia sentido; levei muito tempo a coordenar algumas impressões simples, que num reflexo normal quereriam dizer mesa, cadeira, edifício, pessoa. Os edifícios, esvaziados dos seus autómatos, são ainda mais desolados do que as tumbas; quando as máquinas ficam paradas criam um vazio mais profundo do que a própria morte. Era um fantasma a deslocar-me no vácuo. Sentar-me, parar para acender um cigarro, não me sentar, não fumar, pensar, não pensar, respirar ou parar de respirar, era tudo a mesma coisa. Se cairmos mortos, o homem atrás de nós passa-nos por cima; se dermos um tiro, outro homem dará um tiro de resposta; se gritarmos, acordamos os mortos que, estranhamente, também têm pulmões fortes. O trânsito segue para leste e oeste; dentro de instantes, irá para norte e para sul. Tudo prossegue cegamente de acordo com as regras e ninguém chega a lugar nenhum. A balançar e a cambalear para cá e para lá, para cima e para baixo, alguns a cair que nem moscas, outros às voltas como mosquitos. Comer de pé, com ranhuras, alavancas e moedas gordurosas¹, arrotar, palitar os dentes, inclinar o chapéu, deambular, escorregar, cambalear, assobiar, estourar os miolos. Na próxima vida vou ser um abutre alimentado a rica carne; vou empoleirar-me no topo dos prédios altos e mergulhar como uma bala assim que cheirar a morte. Agora estou a assobiar uma música divertida — as regiões epigástricas estão em paz. *Olá, Mara, como estás?* E ela vai fazer-me um sorriso enigmático e passar os braços à minha volta num abraço caloroso. Vai acontecer tudo num vazio, debaixo de poderosas luzes, com três centímetros de privacidade a demarcar um círculo místico à nossa volta.

Subo as escadas e entro na arena, o grande salão de dança dos ambíguos aficionados do sexo, agora inundado com um brilho quente de *boudoir*. Os fantasmas valsam numa obscuridade doce como pastilha elástica, os joelhos ligeiramente dobrados, as ancas firmes, os tornozelos a dançar em safira em pó². Entre batidas, oiço a

¹ O autor refere-se a um tipo de restaurante em que todos os pratos são expostos em pequenas janelas; o cliente mete uma moeda na ranhura e puxa uma alavanca para abrir a janela e retirar o prato. (*N. do T.*)

² Nas pistas de dança usava-se pó branco para os sapatos deslizarem melhor, o que originava uma espécie de poeira ao nível do chão. (*N. do T.*)

ambulância a apitar lá em baixo, a seguir os carros de bombeiros, e a seguir as sirenes da polícia. A valsa é perfurada pela angústia, pequenos buracos de bala a escorregar pelas engrenagens do piano mecânico, que se ouve abafado porque está a quarteirões de distância, num prédio sem escadas de incêndio e que está a arder. Ela não está na pista. Pode estar deitada na cama a ler um livro, ou talvez a fazer amor com um lutador de boxe, ou talvez ainda a correr como louca por um campo de restolho, um pé calçado, o outro descalço, com um homem chamado Carolo de Milho a persegui-la avidamente. Onde quer que ela esteja, eu fico na mais completa escuridão; a sua ausência deixa-me às aranhas.

Pergunto a uma das raparigas se sabe quando chegará a Mara. Mara? Nunca ouviu falar nela. Como é que ela poderia saber alguma coisa sobre quem quer que fosse, se só arranjou este trabalho há uma hora e está a suar como uma égua embrulhada em seis macacões de roupa interior de lã forrada de burel? Não quererei comprar-lhe uma dança? — está disposta a perguntar a uma das raparigas sobre esta tal Mara. Dançamos algumas rodadas de suor e água de rosas, a conversa a ir de calos e joanetes para varizes, os músicos a observar com olhos gelatinosos através da bruma do *boudoir*, os rostos abertos numa careta fixa. Aquela miúda ali, a Florrie, pode ser que saiba alguma coisa sobre a minha amiga. Florrie tem boca grande e olhos de lápis-lazúli; está fresca como um gerânio, uma vez que passou a tarde toda numa orgia. Será que a Florrie sabe se a Mara vai chegar em breve? Acha que não... acha que esta noite ela não virá de todo... *Porquê?* Pensa que ela tem um encontro com alguém. É melhor perguntar ao grego — ele sabe de tudo.

O grego diz que sim, que a Miss Mara virá... claro, espere só um bocadinho. Espero e volto a esperar. As miúdas estão a fumar, como cavalos suados num campo de neve. Meia-noite. Nem sinal de Mara. Vou devagar até à porta, contra vontade. Um portorriquenho está a abotoar a braguilha no cimo das escadas.

No metro avalio a minha visão lendo os anúncios na outra ponta da carruagem. Examino o meu corpo para confirmar que estou isento das maleitas que o homem civilizado herdou. Tenho mau hálito? O coração palpita? Pés chatos? As articulações inchadas com reumatismo? Sinusite? Infecção crónica nas gengivas? Ou então

prisão de ventre? Ou aquela sensação de cansaço depois do almoço? Enxaqueca, azia, catarro intestinal, lumbago, incontinência urinária, calos ou joanetes, varizes? Tanto quanto sei, estou são como um pêro e contudo... Bem, a verdade é que me falta algo, uma coisa vital...

Estou doente de amor. Na fase terminal. Uma pontinha de caspa e morreria como um rato envenenado.

Quando me atiro para cima da cama, sinto o corpo pesado como chumbo. Passo imediatamente aos sonhos mais profundos. Este meu corpo, que se tornou num sarcófago com pegadas de pedra, está perfeitamente imóvel; o sonhador solta-se dele, como um vapor, para circum-navegar o mundo. O sonhador procura em vão uma forma ou formato que sirva à sua essência etérea. Como um alfaiate celeste, experimenta um corpo depois do outro, mas nenhum lhe serve. Finalmente é obrigado a recolher ao seu próprio corpo, a reassumir o molde de chumbo, a tornar-se como chumbo, deitado de barriga para baixo e rígido, inerte para sempre, para dissipar o tédio.

No domingo de manhã acordo fresco como um malmequer. O mundo está à minha frente, inconquistado, intacto, virgem como as regiões árticas. Engulo um pouco de bismuto e de cloreto de lima para afastar os últimos fumos saturninos de inércia. Vou diretamente a casa dela, toco à campainha e entro. Aqui estou eu, fica comigo — ou esfaqueia-me até à morte. Esfaqueia o coração, esfaqueia o cérebro, esfaqueia os pulmões, os rins, as vísceras, os olhos, as orelhas. Se um só órgão ficar vivo, estás condenada — condenada a ser minha para sempre, neste mundo e no próximo, e em todos os mundos que não-de vir. Sou um desesperado do amor, um criminoso, um matador. Insaciável. Como cabelo, cera suja, coágulos de sangue seco, qualquer coisa e todas as coisas que consideras tuas. Mostra-me o teu pai com os seus papagaios voadores, os seus cavalos de corrida, os passes gratuitos para a ópera: vou comê-los todos, engoli-los vivos. Onde estão a cadeira onde te sentas, o teu pente preferido, a tua escova de dentes, a tua lima de unhas? Mostra-mos, pois quero devorá-los de uma vez só. Dizes que tens uma irmã mais bonita do que tu. Mostra-ma — quero lambê-la até lhe arrancar a carne dos ossos.

Em direcção ao oceano, a caminho do sapal onde uma casinha foi construída para chocar um ovo, que depois de assumir a forma correcta foi baptizado como Mara. Como aquela gotinha que escapou do pénis de um homem haveria de produzir um resultado tão impressionante! Acredito no Deus Pai, no seu único filho Jesus Cristo, na abençoada Virgem Maria, no Espírito Santo, em Adão Cádmiu, em cromo níquel, óxidos e mercurocromos, aves marinhas e agriões, ataques epilépticos, peste bubónica, *devachan*, conjunções planetárias, trilhos de galinhas e lançamento de paus, revoluções, quedas da bolsa, guerras, tremores de terra, ciclones, Kali Yuga e hula-hula. *Acredito, acredito*. Acredito porque não acreditar é tornar-se como chumbo, é ficar deitado duro e rígido, inerte para sempre, definhar lentamente...

Contemplo a paisagem contemporânea. Onde estão as bestas do campo, as plantações, o estrume, as rosas que florescem no meio da corrupção? Vejo linhas de caminho-de-ferro, cemitérios de automóveis, fábricas, armazéns, locais de trabalho escravo, lotes vazios. Nem um bode à vista. Vejo tudo clara e distintamente: significa desolação, morte, a morte eterna. Há trinta anos que carrego a cruz de ferro da servidão ignóbil, a servir sem acreditar, a trabalhar sem receber salário, a descansar sem sentir descanso. Porque deveria acreditar que tudo vai mudar de repente só por tê-la, só por amar e ser amado?

Nada mudará, excepto eu próprio.

Ao aproximar-me da casa vejo uma mulher no quintal, a estender roupa. Está de perfil; é indubitavelmente o rosto da mulher com a voz estranha e estrangeira que atendeu o telefone. Não quero falar com ela, não quero saber quem é, não quero acreditar na minha suspeita. Dou a volta ao quarteirão e quando chego outra vez à frente da porta ela já desapareceu. No entanto, não sei porquê, a minha coragem também.

Toco à campainha, hesitante. Instantaneamente, a porta abre-se de par em par e a figura de um jovem alto e ameaçador bloqueia a entrada. Ela não está, não sabe quando volta, quem é você, o que quer dela? Depois adeusinho e bang! Fico a olhar para a porta fechada. Meu rapaz, vais lamentar a tua atitude. Um dia voltarei com uma arma e arranco-te os testículos a tiro...

Então, é tudo! Toda a gente à coca, toda a gente avisada, todos preparados para serem enganadores e evasivos. A Miss Mara nunca está onde se esperava que estivesse, nem ninguém sabe onde é que se espera que esteja. A Miss Mara habita os ares; cinzas vulcânicas sopradas a eito pelos ventos alísios. Derrota e mistério no primeiro dia do ano sabático. Domingo deprimente entre os gentios, entre amigos e parentes do nascimento accidental. Morte a todos os irmãos cristãos! Morte ao falso *status quo*!

Passaram-se alguns dias sem um sinal de vida da parte dela. Na cozinha, depois de a minha mulher se recolher, sentava-me a escrever-lhe volumosas cartas. Nessa época vivíamos num bairro de uma respeitabilidade mórbida, e ocupávamos o rés-do-chão e cave de uma lúgubre casa de arenito. De vez em quando tentava escrever, mas o desânimo que a minha mulher espalhava à sua volta era de mais para mim. Só uma vez consegui romper o feitiço que ela tinha lançado naquela casa; foi aquando de uma febre alta que durou vários dias e durante a qual me recusei a ver o médico, a tomar qualquer remédio ou a comer o que fosse. No canto do quarto do andar de cima, fiquei deitado numa grande cama e lutei para afastar um delírio que ameaçava matar-me. Nunca tinha estado realmente doente desde a infância, e a experiência foi deliciosa. Ir à casa de banho era como cambalear por todas as passagens labirínticas de um navio em alto mar. Vivi várias vidas nos poucos dias em que aquilo durou. Foram as minhas únicas férias no sepulcro a que chamo lar. Além do quarto, o único sítio que conseguia tolerar era a cozinha. Era uma espécie de cela prisional confortável e, como um prisioneiro, amiúde ficava lá sozinho pela noite dentro a planear a minha fuga. Era ali que por vezes o meu amigo Stanley vinha fazer-me companhia, para resmungar sobre a minha desgraça e eliminar-me as esperanças com comentários negativos e maliciosos.

Foi lá que escrevi algumas das cartas mais loucas que alguém pode escrever. Qualquer pessoa que se sinta derrotada, sem esperança e sem recursos, pode ganhar coragem comigo. Tinha uma caneta com o aparo áspero, um frasco de tinta e papel — as minhas únicas armas. Escrevia tudo o que me passava pela cabeça, fizesse sentido ou não. Depois de colocar uma carta no correio, subia para me deitar ao lado da minha mulher e ficava a contemplar a escuridão com os olhos completamente abertos, como se tentasse ler o

futuro. Repetia a mim próprio que se um homem, um homem sincero e desesperado como eu, ama uma mulher de todo o coração, se estiver pronto a cortar as orelhas e mandar-lhas pelo correio e tirar o sangue do coração e o colocar no papel, se a saturar com a sua necessidade e saudade, a cercar permanentemente, ela não pode recusá-lo. O homem mais desprezioso, mais fraco, menos merecedor, pode vencer se estiver disposto a entregar a última gota do seu sangue. Não há mulher que resista à oferta do amor absoluto.

Voltei ao salão de dança e havia uma mensagem à minha espera. A visão da escrita dela fez-me estremecer. Era curta e precisa. Ia encontrar-se comigo em Times Square, em frente à *drugstore*, à meia-noite do dia seguinte. Eu que parasse de lhe escrever para casa, por favor.

Quando nos encontrámos tinha pouco menos de três dólares no bolso. Cumprimentou-me com cordialidade e energia. Não falou da minha ida a casa dela, das cartas ou dos presentes. Depois de trocarmos algumas palavras perguntou-me onde gostaria de ir. Não fazia ideia do que sugerir. Que ela estivesse ali pessoalmente, a falar comigo, a olhar para mim, era um acontecimento em que ainda me custava a acreditar.

— Vamos ao Jimmy Kelly — disse ela, salvando-me da situação. Pegou-me pelo braço e levou-me até à beira do passeio, onde estava um táxi à nossa espera. Enterrei-me no banco, sobrepujado pela mera presença dela. Não tentei beijá-la ou mesmo pegar-lhe na mão. Tinha vindo — isso era o mais importante. Era tudo.

Ficámos até de madrugada a comer, a beber e a dançar. Falámos abertamente; o clima era de compreensão mútua. Continuava a não saber nada sobre ela ou sobre a sua vida, não porque fosse reservada, mas porque nem o passado nem o futuro pareciam ter qualquer importância.

Quando veio a conta quase caí redondo no chão.

Para ganhar tempo, pedi mais bebidas. Quando lhe confessei que só tinha alguns dólares, sugeri que lhes desse um cheque, garantindo-me que, uma vez que estava com ela, iam aceitá-lo de certeza. Tive de lhe explicar que não tinha livro de cheques e que não tinha mais posses, além do meu salário. Resumindo, revelei-lhe tudo.

Enquanto a punha a par da minha triste situação, uma ideia começou a germinar na minha cabeça. Pedi licença e fui à cabina

telefónica. Liguei para o escritório central da empresa telegráfica e pedi ao gerente da noite, que era meu amigo, para me mandar imediatamente um mensageiro com uma nota de cinquenta dólares. Era uma data de dinheiro para tirar da caixa e ele sabia que eu não era de confiar, mas contei-lhe uma história angustiante e prometi-lhe que o devolveria antes de o dia acabar.

Por acaso o mensageiro era outro grande amigo meu, o velho Creighton, ex-pastor dos evangelhos. Pareceu realmente surpreendido por me ver em tal sítio àquela hora. Quando assinei o recibo, perguntou-me em voz baixa se tinha a certeza de que os cinquenta dólares eram suficientes.

— Posso emprestar-lhe algum dinheiro do meu — acrescentou.
— Seria um prazer poder ajudá-lo.

— Quanto é que tem aí? — perguntei, a pensar na tarefa que me esperava de manhã.

— Posso arranjar-lhe mais vinte e cinco — disse ele prontamente.

Aceitei e agradei-lhe acaloradamente. Paguei a conta, dei uma gorjeta generosa ao empregado, apertei a mão ao gerente, ao assistente do gerente, ao segurança, à rapariga do bengaleiro, ao porteiro e a um pedinte que estava ali de pata estendida. Entrámos num táxi e, enquanto seguíamos, Mara subiu impulsivamente para cima de mim e montou-me. Começámos a foder que nem doidos, com o táxi a balançar e a guinar, os dentes a bater, as línguas mordidas e o sumo a sair dela como sopa quente. Ao passarmos por uma praça do outro lado do rio, com o dia a nascer, o meu olhar cruzou-se com a expressão estupefacta de um polícia.

— É a alvorada, Mara — disse eu, tentando libertar-me suavemente.

— Espera, espera — pediu ela, ofegante, agarrando-se furiosamente a mim, e entrou num orgasmo prolongado em que pensei que me ia arrancar a piça. Quando acabou, escorregou de volta para o canto dela, ainda com o vestido enrolado acima dos joelhos. Inclinei-me sobre ela para a abraçar outra vez, e ao fazê-lo enfiei a mão na sua rata molhada. Agarrou-se a mim como uma sanguessuga, a sacudir o rabo escorregadio num frenesim de paixão. Senti o sumo quente a escorrer-me pelos dedos. Tinha os quatro dedos enfiados na cona dela, a remexer o líquido viscoso que vibrava com

espasmos eléctricos. Teve dois ou três orgasmos e depois atirou-se para trás, exausta, sorrindo com um ar frágil, como uma corça presa numa armadilha.

Ao fim de algum tempo tirou o espelho da carteira e começou a aplicar pó-de-arroz. De repente vi-lhe uma expressão de espanto no rosto e virou rapidamente a cabeça. Logo a seguir ajoelhou-se no banco a olhar pela janela de trás.

— Alguém está a seguir-nos — disse. — Não olhes!

Estava demasiado fraco e feliz para me ralar. «Está histérica» pensei, sem dizer nada mas a observá-la atentamente enquanto dava ordens rápidas e bruscas ao motorista para ir por aqui e por ali e para acelerar.

— *Por favor, por favor!* — implorava, como se fosse uma questão de vida ou de morte.

— Minha senhora — ouvi-o dizer, como se estivesse muito longe, num outro veículo de sonho. — Não posso acelerar mais... Tenho mulher e filhos... Desculpe.

Peguei na mão dela e apertei-a suavemente. Esboçou um gesto, como que a dizer «não sabes... não sabes... é terrível». Não era altura de lhe fazer perguntas. De repente percebi que estávamos em perigo. Ao meu jeito meio marado, de repente somei dois mais dois... Reflecti rapidamente... Ninguém nos está a seguir... é tudo coca e láudano... mas que há alguém atrás dela, há... cometeu um crime, dos sérios, e talvez mais do que um... nada do que ela diz faz sentido... estou metido numa teia de mentiras... estou apaixonado por um monstro, o mais deslumbrante monstro que se possa imaginar... devia deixá-la agora, imediatamente, sem uma palavra de explicação... senão estou perdido... ela é incompreensível, impenetrável... já devia saber que a única mulher no mundo sem a qual não posso viver está marcada pelo mistério... sai imediatamente... salta... salva-te!

Senti a mão dela na minha perna, a excitar-me disfarçadamente... Tinha o rosto descontraído, os olhos muito abertos, arregalados, a brilhar de inocência...

— Desapareceram — disse. — Agora está tudo bem.

Não está nada bem, pensei. Estamos apenas a começar. Mara, Mara, para onde me levas? É fatal e assustador, mas pertenço-te de corpo e alma, e podes levar-me para onde quiseres, entregar-me ao

meu guardador, ferido, esmagado, partido. Para nós não há compreensão final. Sinto o chão a fugir-me debaixo dos pés...

Ela nunca conseguiu penetrar nos meus pensamentos, nem naquela altura nem depois. Procurava mais fundo do que o pensamento; lia às cegas, como se tivesse antenas. Sabia que eu estava destinado a destruir, que no fim acabaria por destruí-la também. Sabia que, qualquer que fosse o jogo que pretendesse jogar comigo, tinha encontrado um igual. Estávamos a parar em frente de casa. Ela aproximou-se de mim e, como se tivesse dentro dela um interruptor que podia controlar à vontade, virou-se para mim com toda a radiação incandescente do seu amor. O motorista tinha parado o carro. Ela disse-lhe para parar um bocadinho mais à frente e esperar. Estávamos de frente um para o outro, de mãos dadas, os joelhos a tocar-se. Corria fogo pelas nossas veias. Assim ficámos durante alguns minutos, como se estivéssemos numa cerimónia ancestral, o silêncio interrompido apenas pelo ronco do motor.

— Ligo-te amanhã — disse ela, inclinando-se impulsivamente para a frente para um último abraço. E depois murmurou-me ao ouvido: — Estou a apaixonar-me pelo homem mais estranho do mundo. És tão doce que me assustas. Aperta-me com força... acredita sempre em mim... sinto-me quase como se estivesse com um deus.

Enlaçados, eu a tremer com o calor da sua paixão, a minha mente libertou-se do abraço, electrificada pela pequena semente que ela tinha colocado dentro de mim. Algo que estivera acorrentado, algo que lutara sem sucesso para se afirmar desde que era criança e tinha levado o meu ego a sair à rua para dar uma vista de olhos, agora se soltava e subia ao azul do céu. Um novo ser fenomenal brotava com uma velocidade alarmante do cimo da minha cabeça, das duas coroas que eram minhas de nascença.

Depois de descansar durante uma hora ou duas, fui para o escritório, que já estava pejado de candidatos. Os telefones tocavam como sempre. Mais do que nunca, parecia não fazer sentido desperdiçar a minha vida na tentativa de colmatar uma brecha permanente. Os responsáveis do cosmocócico mundo telegráfico tinham perdido a confiança em mim e eu tinha perdido a esperança naquele mundo fantástico que eles ligavam com fios, cabos, roldanas, campainhas e sabe Deus o que mais. O único interesse que eu mostrava

era no cheque do salário — e no muito falado bônus que estava para chegar a qualquer momento. Interessava-me mais uma coisa, secreta, diabólica, e que era resolver uma disputa com o Spivak, o especialista em eficiência que tinham trazido de outra cidade expressamente para me espiar. Assim que Spivak aparecia em cena, mesmo que fosse num escritório remoto, na periferia, eu ficava a saber. Costumava passar noites acordado a pensar naquilo como um arrombador de cofres — como é que o podia tramar e fazer com que o despedissem. Prometi a mim mesmo que não deixaria o emprego enquanto não o pudesse lixar. Dava-me prazer mandar-lhe mensagens fictícias, sob nomes falsos a dar informações erradas, cobrindo-o de ridículo e causando confusões intermináveis. Cheguei ao ponto de pedir a pessoas que lhe escrevessem cartas com ameaças de morte. Fazia com que Curley, o meu principal apaniguado, lhe telefonasse de vez em quando a dizer que tinha a casa a arder ou que a mulher fora levada para o hospital — qualquer coisa que o deixasse preocupado e lhe desse trabalho desnecessário. Tinha talento para este tipo de guerrilha oculta. Desenvolvera-o nos meus tempos de alfaiate. Sempre que o meu pai dizia «É melhor tirar o nome dele da lista de clientes, nunca há-de pagar!» interpretava a coisa mais ou menos do mesmo modo como um jovem guerreiro índio que recebesse do grande chefe um prisioneiro e uma ordem: «Cara-pálida mau, faz-lhe tudo!» (Conhecia milhares de maneiras de incomodar um homem sem atentar contra a lei. Alguns, de quem não gostava por princípio, continuava a chateá-los muito depois de terem pago as suas dividazinhas. Um deles, que eu detestava particularmente, morreu com um ataque de apoplexia ao receber uma das minhas cartas anónimas com insultos, suja com caca de gato, caca de pássaro, caca de cão e mais uma ou duas variantes, incluindo a conhecida variedade humana.) Portanto, com Spivak estava à vontade. Concentrei toda a minha atenção cosmocócica unicamente em aniquilá-lo. Quando nos encontrávamos, eu era educado, deferente, aparentemente desejoso de cooperar com ele de todas as maneiras. Nunca perdia a cabeça, embora cada palavra por ele proferida me fizesse ferver o sangue. Fiz tudo o que podia para promover a sua vaidade e inflar-lhe o ego, para que quando chegasse a altura de furar o saco se ouvisse o estrondo a uma grande distância.

Perto do meio-dia, Mara ligou. A conversa deve ter durado um quarto de hora. Pensei que ela não ia desligar nunca. Disse que tinha relido as minhas cartas; algumas lera alto para a tia, ou pelo menos partes delas. A tia achava que eu devia ser um poeta. Estava preocupada com o dinheiro que eu pedira emprestado. Seria capaz de o pagar sem problemas, ou era melhor ela arranjar algum? Era estranho que eu fosse pobre — portava-me como um homem rico. Mas estava satisfeita por eu ser pobre. Da próxima vez andaríamos de eléctrico. Não se interessava por clubes nocturnos; preferia passear no campo ou pela praia. O livro era maravilhoso — só tinha começado a lê-lo naquela manhã. Porque é que eu não tentava escrever? Tinha a certeza de que eu conseguiria escrever um grande livro. Tinha algumas ideias para um livro, que me ia contar quando nos encontrássemos outra vez. Se eu quisesse, podia apresentar-me a alguns escritores seus conhecidos — com certeza que iam ficar muito satisfeitos por me ajudar...

Continuava a falar sem parar. Sentia-me enlevado e preocupado ao mesmo tempo. Preferia que ela escrevesse. Mas disse-me que raramente escrevia cartas. Eu não conseguia perceber *porquê*. A sua fluência era maravilhosa. Dizia aleatoriamente coisas intrincadas, flamejantes, ou então entrava num limbo entre parêntesis salpicado de fogo de artifício — admiráveis feitos linguísticos que um escritor experiente lutaria horas para conseguir. E no entanto, as cartas dela — lembro-me do choque quando abri a primeira que me mandou — eram quase infantis.

Mas as suas palavras produziram um efeito inesperado. Nessa noite, em vez de sair a correr de casa depois do jantar, como fazia habitualmente, deitei-me no sofá às escuras e entreguei-me a um devaneio profundo. «*Porque não tentas escrever?*» A frase ficou-me na cabeça o dia inteiro e eu repetia-a incessantemente, mesmo quando estava a dizer obrigado ao meu amigo MacGregor pela nota de dez que lhe tinha extraído com os mais humilhantes argumentos e lisonjas.

Na escuridão comecei a recuar até ao ventre. Comecei a pensar nos dias felizes da infância, nos longos dias de Verão em que a mãe me pegava na mão e me levava através dos campos para ver os meus amigos Joey e Tony. Como criança era-me impossível penetrar no segredo daquela alegria que advém de uma sensação de superioridade.

Esse sentido a mais, que nos permite simultaneamente participar e observar a nossa participação, parecia ser um dom comum a toda a gente. Não tinha consciência de que apreciava tudo com mais intensidade do que os outros rapazes da minha idade. Só me apercebi das discrepâncias entre mim e os outros mais tarde.

Reflecti que escrever deve ser um acto despido de vontade. A palavra, tal como a corrente oceânica profunda, tem de vir à superfície pelo seu próprio impulso. Uma criança não precisa de escrever porque é inocente. Um homem escreve para deitar fora o veneno acumulado pela falsidade da sua vida. Tenta recapturar a sua inocência, mas tudo o que consegue fazer (escrevendo) é inocular o mundo com o vírus da sua desilusão. Nenhum homem escreveria uma única palavra no papel se tivesse a coragem de viver aquilo em que acredita. A sua inspiração é desviada na fonte. Se o que ele deseja criar é um mundo de verdade, beleza e magia, porque é que coloca milhões de palavras entre si e a realidade desse mundo? Porque é que adia a acção — a não ser que, tal como outros homens, o que realmente deseja é poder, fama, sucesso. «Os livros são actos humanos na morte» disse Balzac. Contudo, tendo percebido a verdade, entregou deliberadamente o anjo ao demónio que o possuiu.

O escritor corteja o seu público tão ignominiosamente como o político ou qualquer outro charlatão; adora medir o pulso, prescrever como um médico, conquistar uma posição para si, ser reconhecido como uma força, receber uma taça cheia de adulação mesmo que adiada durante mil anos. Não quer um novo mundo que possa ser imediatamente estabelecido, porque sabe que nunca lhe serviria. Quer um mundo impossível em que seja o rei dos fantoches sem coroa, dominado por forças completamente fora do seu controlo. Satisfaz-se em reinar insidiosamente — no mundo fictício dos símbolos — porque só a ideia do contacto com a realidade rude e brutal já o assusta. É verdade que tem um maior domínio da realidade do que os outros homens, mas não faz nenhum esforço para impor ao mundo essa realidade mais elevada, pela força ou pelo exemplo. Satisfá-lo pregar apenas, arrastar-se na esteira do desastre ou da catástrofe, profeta agoirento sempre sem honra, sempre drogado, sempre evitado por aqueles que estão prontos e querem assumir a responsabilidade pelas coisas do mundo, por mais incompetentes que sejam. O escritor verdadeiramente grande não quer escrever: quer que

o mundo seja um lugar em que possa viver a vida da imaginação. A primeira palavra trémula que coloca no papel é a palavra do anjo ferido: dor. O processo de escrever as palavras é o equivalente a tomar um narcótico. Observando o crescimento de um livro sob as suas mãos, o autor incha com ilusões de grandeza. «Eu também sou um conquistador, talvez o maior conquistador de todos! O meu dia está a chegar. Vou escravizar o mundo — pela magia das palavras...» *Et cetera ad nauseam.*

Aquela pequena frase — *Porque é que não tentas escrever?* — envolveu-me, como tinha acontecido logo desde o princípio, num atoleiro de confusão sem esperança. Queria encantar sem escravizar; queria uma vida melhor, mais enriquecedora, mas não à custa dos outros; queria libertar imediatamente a imaginação de todos os homens, pois sem o apoio do mundo inteiro, sem um mundo unificado pela imaginação, a liberdade de imaginar torna-se um vício. Não tinha nenhum respeito pela escrita *per se*, tal como não o tinha por um Deus *per se*. Ninguém, nenhum princípio ou ideia tem validade em si. O que vale é apenas aquilo que é percebido por todos os homens em uníssono — Deus incluído. As pessoas preocupam-se sempre com o destino da genialidade. Eu nunca me preocupei com isso: o génio toma conta da genialidade que há num homem. A minha preocupação sempre foi com o zé-ninguém, com o facto de ninguém sequer dar pela sua presença. Um génio não inspira outro. São todos umas sanguessugas, por assim dizer. Alimentam-se da mesma fonte — o sangue da vida. A coisa mais importante para o génio é tornar-se inútil, ser absorvido pela corrente comum, tornar-se novamente peixe em vez de uma aberração da natureza. O único benefício, pensava eu, que o acto de escrever me podia dar, era remover as diferenças que me separavam do meu semelhante. Não queria definitivamente tornar-me um artista, no sentido de me tornar um ser estranho, separado da corrente da vida.

A melhor coisa na escrita não é propriamente o trabalho de colocar uma palavra à frente de outra, tijolo sobre tijolo, mas os preliminares, o trabalho de sapa, feito em silêncio e em quaisquer circunstâncias, tanto a sonhar como acordado. Resumindo, o período de gestação. Ninguém escreve o que verdadeiramente queria dizer; a criação original, que está sempre a acontecer, quer a pessoa escreva ou não escreva, pertence ao fluxo primário: não tem dimensões,

forma ou tempo. Neste estado preliminar, que é criação e não nascimento, aquilo que desaparece não é destruído; algo que já lá estava, indestrutível, como a memória, ou a matéria, ou Deus, é invocado e atiramo-nos nele como um galho numa torrente. Palavras, frases, ideias, por mais subtis ou bem pensadas que sejam, os mais loucos voos da poesia, o mais profundo dos sonhos, as mais alucinantes visões, não são mais do que hieróglifos toscos biselados na dor e na tristeza para comemorar um evento intransmissível. Num mundo inteligentemente organizado não haveria necessidade de fazer a tentativa irracional de escrever acontecimentos tão milagrosos. Realmente não faria sentido, pois se o homem parasse para pensar, quem se satisfaria com a contrafacção, se o produto original está ao alcance de todos? Quem quereria ouvir Beethoven, por exemplo, quando poderia experimentar por si mesmo as harmonias extáticas que Beethoven lutou tão desesperadamente para registar? A ser bem sucedida, uma grande obra de arte serve para nos lembrar, ou, digamos, para nos pôr a sonhar com tudo o que é fluido e intangível. Ou seja, *o universo*. Não pode ser compreendida, apenas aceite ou rejeitada. Se a aceitamos, somos revitalizados; se a rejeitarmos, diminuídos. O que pretende ser, não é; será sempre algo mais para o qual a última palavra nunca poderá ser dita. É tudo o que nela depositamos, fruto da ânsia por aquilo que negamos cada dia das nossas vidas. Se nos aceitássemos *a nós próprios* tão completamente, a obra de arte, na verdade, *o mundo inteiro da arte* morreria de subnutrição. Todos os zés-ninguém que somos se movem sem andar pelos menos algumas horas por dia, quando os olhos estão fechados e o corpo propenso. Um dia, a arte de dormir completamente acordado estará ao alcance de todos. Muito antes de os livros deixarem de existir, pois quando os homens sonharem completamente acordados, os seus poderes de comunicação (uns com os outros e com o espírito que move todos os homens) estarão tão desenvolvidos que a escrita não parecerá mais do que os guinchos ásperos e roucos de um idiota.

Eu penso e sei tudo isto, deitado na recordação sombria de um dia de Verão, sem ter dominado, ou tentado dominar, a arte dos hieróglifos toscos. Mesmo antes de começar já estou enojado com os esforços dos mestres reconhecidos. Sem o talento ou os conhecimentos para fazer sequer a porta na fachada do grandioso edifício,

crítico e lamento a própria arquitetura. Se eu fosse apenas um pequeno tijolo na vasta catedral desta fachada antiquada, certamente seria mais feliz; teria uma vida, a vida da estrutura inteira, mesmo sendo uma parte infinitamente pequena. Mas estou de fora, um bárbaro que nem consegue fazer um esboço grosseiro, muito menos uma planta, do edifício que sonha habitar. Sonho com um novo mundo de uma magnificência brilhante que desaba assim que a luz se acende. Um mundo que desaparece mas não morre, pois basta-me ficar outra vez quieto e abrir os olhos na escuridão para que ele reapareça.

...Então há em mim um mundo completamente diferente de qualquer outro mundo que eu conheça. Não penso que seja minha propriedade exclusiva — é apenas o meu ângulo de visão que é exclusivo por ser único. Se falo a linguagem da minha visão única, ninguém compreende; o edifício mais colossal pode ser erguido e no entanto permanecer invisível. Este pensamento aterroriza-me. De que servirá fazer um templo invisível?

À deriva com o fluxo — por causa daquela pequena frase. Era o tipo de pensamentos que tinha sempre que a palavra «escrever» aparecia. Em dez anos de esforços esporádicos tinha conseguido escrever um milhão de palavras, ou coisa assim. Mais valia dizer — um milhão de folhas de relva. Chamar a atenção para este relvado irregular era humilhante. Todos os meus amigos sabiam que eu sentia em relação à escrita uma comichão — era o que me tornava uma boa companhia de vez em quando: *a comichão*. O Ed Gavarni, por exemplo, que estava a estudar para padre: costumava fazer uma reuniãozinha em casa expressamente para meu benefício, para que eu pudesse coçar-me em público e assim, de certo modo, transformar a noite num acontecimento. Para provar o seu interesse pela nobre arte, costumava aparecer para me ver com alguma regularidade e trazia sanduíches de carnes frias, maçãs e cerveja. Às vezes tinha os bolsos cheios de cigarros. Era para eu encher a barriga e abrir o bico. Se ele tivesse um grama de talento, nunca lhe teria passado pela cabeça tornar-se padre... E havia o Zabrowskie, o bestial operador telegráfico da Companhia Telegráfica Cosmodemônica da América do Norte: examinava-me sempre os sapatos, o chapéu e o sobretudo, para ver se estavam em bom estado. Não tinha tempo para escrever nem se preocupava se eu escrevia, nem acreditava que

eu viesse a ter algum sucesso, mas gostava de ouvir falar nisso. Interessava-se por cavalos, *mudlarks* em particular. Ouvir-me era uma diversão inofensiva que valia o preço de um bom almoço ou de um chapéu novo, caso fosse preciso. Entusiasmava-me contar-lhe histórias porque era como falar com o homem da Lua. Era capaz de interromper as mais subtis divagações para perguntar se eu preferia torta de morango ou queijo fresco à sobremesa... E havia o Costigan, o brutamontes de Yorkville — outro bom espectador, com a sensibilidade de um bácoro. Tinha conhecido um escritor da *Police Gazette*, o que o tornava elegível para partilhar a companhia dos eleitos. Tinha histórias para me contar, histórias que se podiam vender, se eu descesse do meu poleiro e o ouvisse. Costigan atraía-me de uma forma estranha. Parecia completamente inerte, um porco velho com borbulhas no rosto cheio de pêlos ásperos; era tão gentil, tão meigo, que, se se disfarçasse de mulher, nunca ninguém o saberia capaz de encostar um tipo à parede e enchê-lo de pancada. Era o tipo de durão que consegue cantar em falsete e juntar donativos para comprar uma coroa fúnebre. No negócio dos telégrafos era considerado um empregado calado e fiável que levava a sério os interesses da companhia. Nas horas livres era um terror completo, a praga do bairro. Tinha uma mulher cujo nome de solteira era Tillie Jupiter; ela tinha o porte de um cacto e dava uma data de leite gordo. Uma noite com aqueles dois punha-me a cabeça a trabalhar como uma seta envenenada.

Entre amigos e apoiantes, deviam ser cerca de cinquenta. Do grupo todo, devia haver três ou quatro capazes de compreender superficialmente o que eu estava a tentar fazer. Um deles, um compositor chamado Larry Hunt, vivia numa aldeia do Minnesota. Uma vez alugámos-lhe um quarto e ele apaixonou-se pela minha mulher, por eu a tratar de uma maneira tão vergonhosa. Mas ainda gostava mais de mim do que da minha mulher e assim, quando voltou para as berças, começou uma troca de correspondência que depressa se avolumou. Agora dava a ideia de que voltaria a Nova Iorque para nos visitar. Eu esperava que ele viesse e me levasse a mulher. Anos antes, quando começámos o nosso triste caso, eu tinha tentado impingi-la ao seu antigo namorado, um rapaz do Norte do estado chamado Ronald. Ronald tinha vindo a Nova Iorque para lhe pedir a mão em casamento. Uso esta expressão formal porque

ele era o tipo de pessoa que podia dizer uma coisa destas sem fazer figura de parvo. Ora bem, encontrámo-nos os três e fomos jantar a um restaurante francês. Pela maneira como ele olhava para a Maude, podia perceber que ele se interessava mais por ela do que eu e que os dois tinham mais em comum do que nós alguma vez viríamos a ter. Gostei imenso dele; tinha um ar impecável, honesto até ao tutano, simpático, atencioso, o tipo que dá aquilo a que se chama um bom marido. Além disso, tinha esperado muito tempo por ela, coisa que Maude esquecera, senão nunca se teria metido com um miserável filho da mãe como eu, que nunca a faria feliz... Nessa noite aconteceu uma coisa estranha, uma coisa que ela nunca me perdoaria, se alguma vez viesse a saber. Em vez de a levar a casa, voltei para o hotel com o apaixonado de longa data. Fiquei a noite inteira com ele a tentar convencê-lo de que ele era o melhor homem, a dizer-lhe todo o tipo de coisas horríveis sobre mim, coisas que fizera a ela e a outras, a insistir, a pedir que a levasse. Cheguei ao extremo de lhe dizer que ela o amava e que mo tinha admitido.

— Ela só ficou comigo porque eu, por acaso, estava ali — disse-lhe eu. — Está mesmo à espera que você faça alguma coisa. Não perca esta oportunidade.

Mas não, ele não queria saber. Era como o Gaston e o Alfonse da banda desenhada. Ridículo, patético, completamente irreal. Era o tipo de coisa que se faz no cinema e as pessoas pagam para ver... De qualquer maneira, ao pensar na próxima visita de Larry Hunt, sabia que não ia repetir a façanha. Temia apenas que entretanto ele tivesse encontrado outra mulher. Seria difícil perdoar-lhe uma coisa dessas.

Havia um sítio (o *único* sítio em Nova Iorque) onde eu gostava de ir, particularmente quando estava bem-disposto, e que era o estúdio do meu amigo Ulric na parte alta da cidade. Ulric era do tipo lascivo: a sua profissão punha-o em contacto com *strippers*, galdérias, e todo o tipo de mulheres sexualmente desinibidas. Entre todos os cisnes esbeltos que iam ao estúdio dele para se despir, eu gostava das raparigas de cor, que aparentemente ele estava sempre a trocar. Fazê-las posar para nós não era nada fácil. Era ainda mais difícil, uma vez persuadidas a tentar, fazê-las passar uma perna sobre o braço do sofá e expor um pouco de pele cor de salmão. Ulric estava cheio de esquemas lascivos, sempre a pensar em como

se meter no sítio certo, como costumava dizer. Era uma maneira de tirar da cabeça as porcarias que lhe pagavam para pintar. (Era muito bem pago para fazer lindas latas de sopa, ou maçarocas de milho, para as contracapas das revistas.) Mas o que ele realmente gostava de fazer era conas, grandes conas sumarentas que se podiam pôr na parede da casa de banho, de modo a provocar um movimento agradável e satisfatório das vísceras. Tê-las-ia pintado de graça, se alguém lhe desse comida e uns trocos. Como dizia há pouco, ele tinha um faro especial para a pele escura. Depois de ter colocado a modelo numa posição inacreditável — dobrada para a frente para apanhar um alfinete no chão, ou a subir uma escada para limpar uma mancha na parede — dava-me papel e lápis e mandava-me para um sítio conveniente onde, fingindo desenhar a figura humana (coisa completamente fora das minha possibilidades), regalava os olhos nas partes anatómicas escolhidas enquanto cobria o papel com gaiolas, tabuleiros de xadrez, ananases e gatafunhos. Após um pequeno descanso, ajudávamos cuidadosamente a modelo a voltar à posição original. Isto exigia algumas manobras delicadas, tais como levantar ou baixar as nádegas, levantar o pé um bocadinho, abrir mais as pernas, e assim por diante.

— Acho que assim está bem, Lucy — ainda o oiço a dizer, enquanto a colocava habilmente numa posição obscena. — Consegues ficar assim, Lucy?

E Lucy emitia um gemido de preta a querer dizer que estava bem.

— Não vai demorar muito, Lucy — dizia ele, a piscar-me o olho de lado. — Repara na vaginação longitudinal — continuava, usando um vocabulário empolado que Lucy não conseguia acompanhar com as suas orelhas de coelhinha. Palavras como «vaginação» tinham um tilintar agradável e mágico para os ouvidos de Lucy. Um dia encontrámo-la na rua e ouvi-a dizer-lhe:

— Tem feito exercícios de vaginação ultimamente, senhor Ulric?

Tinha mais em comum com o Ulric do que com os meus outros amigos. Para mim ele representava a Europa, com a sua influência suave e civilizadora. Costumávamos falar horas sobre aquele outro mundo onde a arte tinha alguma relação com a vida, onde nos podíamos sentar em público, silenciosamente, a ver o espectáculo que passava à nossa frente e a meditar. Conseguiria alguma vez

ir lá? Seria tarde de mais? Como viveria? Que idioma falaria? Quando pensava de forma realista sobre o assunto, parecia impossível. Só espíritos duros e aventureiros podiam realizar tais sonhos. Ulric fizera-o — durante um ano — com muito esforço e sacrifício. Fizera coisas que detestava durante dez anos para realizar o seu sonho. Agora o sonho acabara e ele tivera de recomeçar do zero. Estava em pior situação que antes, na realidade, porque nunca se conseguiria adaptar novamente a tão desgastante máquina. Para Ulric, tinham sido umas férias sabáticas: um sonho que se transforma em desgosto e amargura à medida que os anos passam. Nunca conseguiria fazer o que Ulric tinha feito. Nunca conseguiria fazer um sacrifício daqueles, nem me contentaria com umas simples férias, por mais curtas ou longas que fossem. A minha política sempre fora queimar as pontes atrás de mim. O meu rosto está sempre virado para o futuro. Se fizer um erro, torna-se fatal. Quando sou atirado para trás, caio completamente — até ao fundo. A minha única protecção é a minha resiliência. Até agora sempre me levantei de novo. Às vezes, esta acção tem parecido uma *performance* em câmara lenta, mas aos olhos de Deus a velocidade não tem nenhum significado especial.

Foi no estúdio de Ulric, não há muitos meses, que terminei o meu primeiro livro — o livro sobre os doze mensageiros. Costumava trabalhar no quarto do irmão dele, onde, pouco antes, um editor de revista, depois de ler algumas páginas de uma história inacabada, me informou a sangue-frio que não tinha um grama de talento, que não sabia nada sobre escrita — resumindo, que era um falhanço completo e a melhor coisa que podia fazer, meu rapaz, era esquecer a coisa e tentar ganhar a vida honestamente. Outro pateta que tinha escrito um livro muito bem sucedido sobre Jesus-o-carpinteiro disse-me a mesma coisa. E se as cartas de rejeição valem alguma coisa, eram simples corroborações a apoiar a crítica dessas mentes com discernimento.

— Mas quem *são* estes merdas? — costumava dizer ao Ulric. — Quem julgam que são para me dizer tais coisas? Que fizeram, excepto provar que sabem ganhar dinheiro?

Mas estava a falar de Joey e Tony, os meus amiguinhos. Estava deitado na escuridão, um pequeno galho a flutuar na corrente japonesa, estava a voltar à pura magia, a palha que faz tijolos, o esboço

tosco, o templo que precisa de carne e sangue para se manifestar ao mundo inteiro. Levantei-me e acendi uma luz fraca. Sentia-me calmo e lúcido, como um lótus a abrir-se. Nada de andar violentamente para a frente e para trás, nada de arrancar os cabelos pela raiz. Lentamente, sentei-me na cadeira em frente da mesa e comecei a escrever com um lápis. Descrevi em palavras simples qual era a sensação de pegar na mão da minha mãe e passear pelos campos iluminados pelo sol, a sensação de ver Joey e Tony a correr para mim de braços abertos, os rostos brilhantes de alegria. Coloquei um tijolo sobre o outro como um assentador de tijolos honesto. Algo de natureza vertical estava a acontecer — não folhas de relva a crescer mas algo estrutural, planeado. Não me esforcei para acabar; parei quando tinha dito tudo o que podia. Li silenciosamente o que escrevera. Fiquei tão emocionado que me vieram as lágrimas aos olhos. Não era nada que se mostrasse a um editor; era para guardar numa gaveta, manter como lembrança de processos naturais, como promessa de realização.

Todos os dias massacramos os nossos melhores impulsos. É por isso que ficamos com dor de cabeça quando lemos aquelas linhas escritas pela mão de um mestre e as reconhecemos como nossas, como os brotos tenros que abafámos porque nos faltava a fé para acreditar nos nossos próprios poderes, no nosso próprio critério de verdade e beleza. Todo o homem, quando se cala, quando se torna desesperadamente honesto consigo próprio, é capaz de pronunciar verdades profundas. Todos derivamos da mesma fonte. Não há nenhum mistério na origem das coisas. Somos todos parte da criação, todos reis, todos poetas, todos músicos; só temos de nos abrir para descobrir o que já lá está.

O que me aconteceu ao escrever sobre o Joey e o Tony foi equivalente a uma revelação. Foi-me revelado que podia dizer o que queria dizer — se não pensasse em mais nada, se me concentrasse exclusivamente naquilo — e se estivesse disposto a suportar as consequências que um acto puro sempre envolve.